

Incerteza, o problema básico

William Mulholland, banqueiro canadense que teve destacada participação no comitê que assessorou a chamada fase 2 da renegociação da dívida externa brasileira, costuma falar com muita franqueza sobre a dependência do Brasil em relação ao crédito externo e aos investimentos estrangeiros. Segundo ele, um país como o Brasil não poderá desenvolver-se sem crédito, pois se ele fosse interrompido a economia estaria sujeita a um fardo inaceitável: crescimento lento, pequena melhora dos padrões de vida e pequena taxa de absorção de novos membros pelo mercado de trabalho.

No entanto, um dos maiores problemas do crédito externo no momento, afirma Mulholland, são as taxas de juros flutuantes. Lamentavelmente, não há condições de fazer empréstimos aos países em desenvolvimento com taxas de juros fixas, porque os detentores de poupança se recusam a fazer aplicações de longo prazo. Qualquer mudança nesse quadro dependeria de alterações na presente estrutura institucional,

mas no fundo, assegura ele, tudo depende dos poupadore.

Esse comportamento das pessoas que pouparam e investem resulta das desilusões provocadas pelas recentes ondas de inflação nas economias industrializadas. "As pessoas simplesmente não aplicam seu dinheiro por 15 anos se podem obter retorno igual ou superior por uma aplicação de 15 dias..."

E se não é possível conseguir fundos a longo prazo nos EUA e no Canadá, diz Mulholland, muito menos no Brasil, cujas poupanças são insuficientes para financiar o desenvolvimento. Este é o problema básico. Talvez se possa fazer mudanças institucionais, mas não se pode fazer muita coisa em relação ao problema básico, que é a relutância dos investidores em fazer aplicações por períodos mais longos. "As pessoas já não confiam no valor do dinheiro, no ambiente econômico e tudo mais. Este é o problema econômico mundial, que é especialmente agudo para os países em desenvolvi-

mento, com grande apetite para recursos."

No passado, os EUA tiveram o mesmo tipo de problema e o resolveram mediante a importação de capital, afirma Mulholland. No Canadá, foi a mesma coisa; "mas no Brasil ainda prevalece uma atitude de ceticismo em relação ao investimento externo. Portanto, se o País desejar um fluxo estável de recursos, deverá criar um clima mais favorável aos investimentos diretos. O Brasil também precisará aprender a administrar esses investimentos, a fim de evitar que eles se tornem prejudiciais à economia interna".

Para o banqueiro, o país que conseguir encontrar uma fórmula para desfrutar os benefícios desses recursos (crescimento mais rápido, maior geração de empregos) e, simultaneamente, demonstrar à sociedade que não está perdendo controle sobre seu destino será bem sucedido. "Pela minha experiência, não importa quem é o dono do capital, porque em qualquer país o governo sempre tem a última palavra", observa Mulholland.